

O FOGO SAGRADO

Entrou no mosteiro. Pela nave central seguia um grupo de orientais com um guia. Japoneses. Não percebia uma só palavra. Só o guia falava. Todos ouviam com a maior atenção. Juntou-se-lhes. Devia parecer um corpo estranho no meio deles. Nem para ela olharam. Olhavam, sim, e sorriam, mas somente de uns para os outros dentro do grupo.

Apostava em como nem sequer iriam reparar em si, se se mantivesse no meio deles, mesmo até ao final da visita. Estava sozinha. Fazia, neste momento, uma aposta consigo mesma. Se perdesse, transformar-se-ia em pedra. Mulher de pedra no meio de tanta pedra. Ninguém daria por mais uma pedra, que ficasse, até ao fim dos tempos do mosteiro, encostada a uma das grossas paredes. Se ganhasse, dar-se-ia ao prazer de se aproximar do guia e de lhe dar um beijo. No fim, quando estivessem a deixar o mosteiro, terminada a visita. É que, devia dizer desde já, gostava de orientais, de japoneses altos, mas que nunca são demasiado altos, como este guia que fazia parte dos japoneses altos. Ela, de resto, classificava os japoneses em altos e baixos; e, num geral, as diferenças de altura entre uns e outros não é grande. Ela deveria querer dizer que gostava dos japoneses que se pareciam com vimes, canas, bambus, teixos, áceres... Com plantas que bordejassem as águas e que em jovens se inclinassem ao menor vento. Também arrumava de um modo semelhante os italianos. Dividia-os em feios e bonitos. Os

bonitos eram simplesmente bonitos, mesmo muito bonitos; e os feios eram do tipo Papa, particularmente feios. Mas isso eram já gostos que não pertenciam a este seu desejo de beijar o guia da excursão destes japoneses.

Não sabia como explicar aos outros. Ninguém iria compreendê-la se dissesse como se entendia nos edifícios medievais. Nessas construções sentia tudo o que a rodeava como uma festa, como ímpeto que quebrava a solidão e que a aproximava dos outros. Por isso se integrou no grupo de japoneses que visitavam o mosteiro. Não percebia o que lhes dizia o guia, nem porque sorriam todos em dado momento ou que palavras ou que instante cobriam os seus rostos de uma percorrida e colectiva gravidade.

A festa é sempre festa para todos; para todos aqueles que se inscrevem no seu círculo festivo. Senti-lo-iam os outros dentro das grossas paredes ou ao pisarem as lajes que cobriam os claustros? Não acreditava. A festa desde que entrava o portal de tão antiga arquitectura, instalava-se em si, habitava-a. Levava-a a que quisesse celebrar algum motivo tomado como boa recordação. «As festas celebram-se.» Pensava. E por isso um dia festivo implica uma celebração, que é território da teologia ou de vigor nacionalista. Mas se a festa refere um dado pessoal, dá sempre lugar a uma peça de roupa a estrear ou, então, a uma refeição fora de casa. Nos acontecimentos que só a si respeitavam, como o dia de aniversário, ela abria o armário e tirava de lá o único copo de cristal e bebia por ele, nem que fosse só um golo de água.

Este sentir o mundo e a vida, dito em voz alta, traria a quem o ouvisse um sorriso. Alguém já lhe dissera que era uma mulher de grandes rotinas. Por isso, à segunda vez que voltava a uma cidade, tinha de antemão sítios certos a visitar; cafés onde iria entrar, igrejas, uma ou outra obra num museu fariam parte da forma como sentia o pulsar dessa terra. E num café ou num restaurante procurava ocupar a mesma mesa em que estivera de vezes anteriores.

Se estes não eram sinais de júbilo e de celebração, então quais seriam? Talvez que não passasse de uma colecionadora. Não de objectos, mas de memórias festivas. Era assim a sua disponibili-

dade de ânimo quando entrava num espaço medieval. Igrejas, castelos, velhos e desenhados jardins enviavam-na para um memoriar de festa; claro, a memória não lhe pertencia, pois muitas das vezes estava a entrar pela primeira vez nesse edifício e o mais provável seria não voltar a pisar aquelas pedras e a contemplar esses arcos, colunas, abóbadas, siglas, lájeas tumulares.

Era um carácter único de celebração o que a conduzia naquele momento, em que mais nenhum ocidental estava naquele grupo de turistas. Os seus passos seguiam o passo miúdo e apressado dos japoneses. O guia nem sequer falava muito. Tinha que admitir que não soubesse grande coisa do monumento. Uma ou outra data sobre a sua ligação à história do país e à ordem religiosa a que pertencia — e como a presença dos portugueses no Japão se confundira com a dos Jesuítas, naturalmente estava informado para lhes dizer que não eram Jesuítas os padres de Cister. Dispensaria algumas palavras à arte dos túmulos de Pedro e de Inês e, também, à legenda dos seus amores impossíveis.

O temperamento dos japoneses fariam dessa paixão uma história de sombrias almas que deambulariam na tão perfeita arquitectura. E quer um quer o outro dos monarcas daria lugar, no seu imaginário, a aparições que seduziam os mais belos mortais, entre os visitantes disponíveis ao aceno de uma sombra, ao convite da belíssima Inês ou à sensorialidade cruel que a história atribuiu ao rei.

Criaturas seduzidas, essas. Disponíveis ao canto das matinas e das vésperas que, nesses instantes de desapego do humano, as levariam desta vida em troca de um dulcificado som ou de uma luminosidade virtual carregada da simbologia de um maravilhoso longínquo e de um inatendido além.

Tudo está esculpido na pedra. Quando o domínio do temporal é ferido por esse poder maior que pertence às sombras, os que são seduzidos pelo além-túmulo dispõem-se a partir para sempre. Trocam a certeza difícil dos seus dias pela quimera. Não são mais capazes de advertir a sua disponibilidade para as coisas secretas — que, a seu modo, serão coisas de muita valia — e confundem-se com o carácter único da celebração. Entregam-se, então, ao celebrante. Transformam-se em arte, em festiva celebração da arte.

Perdem-se no longo fio de uma memória. Vão. Partem. Entregam os corpos e as suas almas ao espírito que celebra na surpreendente obscuridade. Dão-lhe as mãos, a confiança, a alegria e a tristeza, a esperança. Refugiam-se no vazio de um túmulo e seguem para um mundo onde não tem lugar a comparação. E se existisse a comparação, ela aproximar-se-ia de um extenso campo tenuemente iluminado por um escurecer de outono.

Quando anoitece, desce sobre os seduzidos o esplendor do relâmpago. Talvez encontrem aí, nesse não-lugar, a solenidade de um silêncio absoluto. Essa é a grande festa. «A única celebração possível.» Disse ela.

Seguia o grupo de japoneses. Circunspectos visitantes que totalmente a ignoravam. Mas faziam-lhe companhia. Não que se sentisse sozinha. Não. Não se está só quando se caminha deste modo sob a profundidade do tempo. Mais do que estar junto a outro e a outro mais, o que se representa é aquilo que todos une, um intuito que impede o espírito do lugar de dispersar-se em experiências individuais e de se desintegrar em diálogos vazios.

Foi neste ponto da visita, quando se aproximavam do lago que irrompe de um dos braços do claustro e quando grande parte do grupo começava a lançar moedas à água, que o seu olhar se cruzou com o do guia. E esse olhar disse: «Isto não é exactamente vida.» E os olhos do guia, sorrindo-lhe, sorrindo sempre, souberam responder-lhe: «É fase de uma metamorfose.»

A visita continuou. A chuva começou a cair tocada de vento norte. Ter o guia reparado nela não queria dizer que os outros o tivessem também feito. De qualquer maneira, seriam sempre delicados e as suas expressões iluminar-se-iam com sorrisos. Em parte, a sua aposta poderia estar perdida. Talvez tivesse que ficar no mosteiro, cativa, pedra entre outras pedras. Talvez não. E como somente o guia dera pela sua presença, via nesse motivo mais uma razão para que no final da visita, quando todos regressassem ao autocarro, se aproximasse dele e lhe desse um beijo de despedida.

Foi então que reparou na japonesa mais velha. Teria mesmo bastante idade. Tinha uma flor nas mãos. Uma flor estranha, que des-

conhecia. Parecia uma rosa. E não era uma rosa. Parecia uma peónia; e não era uma peónia. Escusava perguntar-lhe, pois não saberia como fazê-lo. Provavelmente a senhora só falaria japonês. Parecia-lhe absurdo dirigir-se-lhe em inglês. Podia recorrer ao guia, mas não o iria fazer. Ia ficar assim sem nunca saber o nome dessa flor que tanto se assemelhava a uma rosa e a uma peónia, sem que fosse rosa ou peónia.

Era uma flor que representava a transitoriedade da existência humana. Coberta de brevidade, como nunca vira outra flor. Desde o momento inicial em que reparara nessa flor entre os dedos da velha japonesa que ela tinha envelhecido. Tinha murchado entre o seu primeiro olhar e os olhares seguintes.

Estavam agora na sala dos túmulos. Da flor já só restava uma pequena haste que continuava entre os dedos da velha senhora. As pétalas tinham caído. Agora mesmo vira a última pétala pousar junto de uma das colunas que sustentam o sarcófago mais pequeno. Uma flor tem também o trânsito das experiências de tempo que qualquer de nós tem. Aquela flor tinha consigo uma unidade orgânica que, aos seus olhos, percorrera as formas fundamentais do seu tempo próprio. O que ocorreu sob um ritmo inesperadamente veloz. Ela olhou; e a flor manifestou-se em todo o seu esplendor. Olhou de novo e pareceu-lhe já emurchecida. Voltou a olhar; e era um espectro da sua própria beleza. Olhou uma última vez; viu nos dedos da idosa mulher uma ressequida e estreita haste, que esses dedos, quase de um modo instintivo, conservavam.

A partir desse instante perdeu qualquer interesse pelo grupo. Ficou para trás. Deixou de os seguir. E eles foram pela nave lateral acompanhados do seu guia. O japonês alto por quem manifestara curiosidade, ao ponto de se introduzir no grupo cuja visita acompanhava. Ficou só, na sala dos túmulos. Sentiu o olhar do guia que se afastava. Não o veria mais. Mas de quanta outra gente não estamos sempre a dizer «não o volto a ver» ou «os nossos olhares não se voltarão mais a cruzar». Nesses instantes de surpresa há qualquer coisa que dispara dentro de nós e que fica por breve tempo. Como quando levamos um envelope aos lábios para o fecharmos com a nossa própria saliva e cortamos no papel, muito le-